



Antropoceno ou capitaloceno? Reflexões antropológicas¹
Anthropocene or capitalocene? Anthropological Reflections

Elias Fontele Dourado

Palavras-chave: Antropoceno; Capitaloceno; Haraway.

O Antropoceno, um termo que ganhou destaque nas discussões sobre o impacto humano no planeta Terra, descreve uma era geológica na qual as atividades humanas são consideradas a principal força modificadora do meio ambiente. Como apontam Crutzen e Stoermer (2000), o Antropoceno marca a transição de uma época geológica dominada por processos naturais para uma moldada pela atividade humana. No entanto, Donna Haraway, renomada teórica feminista e professora emérita de História da Consciência e Estudos Feministas na Universidade da Califórnia, Santa Cruz, desafia essa narrativa convencional. Em vez de aceitar passivamente o termo Antropoceno, Haraway propõe o termo "Capitaloceno" para descrever mais precisamente a era atual. Sua crítica incisiva revela a interseção entre sistemas de poder, exploração ambiental e desigualdades sociais, questionando não apenas a influência humana no ambiente, mas também a estrutura econômica subjacente que impulsiona essa transformação.

Haraway argumenta que o termo Antropoceno falha em reconhecer a natureza capitalista do atual período geológico. Em seu ensaio "Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno", ela critica a ideia de que a humanidade como um todo é responsável pela crise ambiental, ignorando como o capitalismo impulsiona essa

¹ Trabalho apresentado ao VI Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS.



destruição. Haraway (2015a) afirma que o Capitaloceno encapsula melhor a exploração desenfreada dos recursos naturais em busca de lucro, destacando a conexão intrínseca entre capitalismo e degradação ambiental. Há uma afoita necessidade de nos situarmos em algo globalizante como o antropoceno, mas se trata de uma leitura que não leva em conta a complexidade de nosso meio ambiente.

Haraway busca desestabilizar as narrativas simplistas que culpam a humanidade como um todo, enquanto ignoram as desigualdades sociais e econômicas subjacentes. Ela propõe uma ética de parentesco com todas as formas de vida, reconhecendo a interdependência entre humanos e não humanos. Essa abordagem ecofeminista e pós-humanista rejeita a separação entre cultura e natureza, enfatizando a necessidade de uma coexistência mais harmoniosa e equitativa com o mundo natural.

As contribuições de Anna Tsing e Isabelle Stengers para a discussão sobre o Antropoceno e suas críticas são igualmente significativas, ampliando o escopo das reflexões de Donna Haraway. Tsing, em sua obra "The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins", oferece uma abordagem etnográfica e interdisciplinar para compreender a vida e a resistência em meio às ruínas do capitalismo. Ela investiga como os cogumelos matsutake desafiam as narrativas de destruição ambiental, emergindo em ecossistemas devastados e conectando diferentes comunidades humanas e não humanas em redes de sobrevivência e adaptação (Tsing, 2015).

Por sua vez, Isabelle Stengers, em "Another Science is Possible: A Manifesto for Slow Science", propõe uma abordagem mais reflexiva e cuidadosa à prática científica, questionando as noções de objetividade e neutralidade que permeiam muitas disciplinas acadêmicas (Stengers, 2018). Ela argumenta a favor de uma ciência mais sensível ao contexto e às complexidades do mundo natural, reconhecendo a interconexão entre conhecimento científico, valores culturais e sistemas de poder. Stengers promove uma "ciência lenta", que valoriza o diálogo interdisciplinar, a experimentação responsável e o engajamento com comunidades locais na produção de conhecimento.



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Além disso, Haraway compartilha uma preocupação semelhante à de Latour com a ecologia política. Latour (2004) argumenta que devemos considerar os "atores" não humanos, como organismos e ecossistemas, como participantes igualmente importantes nas redes sociais e políticas. Em sua obra "Politics of Nature: How to Bring the Sciences into Democracy", Latour propõe uma abordagem que desafia as dicotomias tradicionais entre natureza e sociedade, sujeito e objeto, ao mesmo tempo em que enfatiza a importância de uma política que leve em consideração a complexidade das relações entre humanos e não humanos (Latour, 2004). Nessa perspectiva, as questões ambientais não são apenas problemas técnicos a serem resolvidos, mas questões políticas que exigem uma reconfiguração das relações entre humanos e não humanos.

As contribuições de Donna Haraway, Bruno Latour, Anna Tsing e Isabelle Stengers são urgentes para a contemporaneidade por várias razões. Em primeiro lugar, desafiam as concepções tradicionais que separam os seres humanos do mundo natural, reconhecendo a interconexão entre humanos e não humanos. Essa perspectiva é essencial em um momento em que enfrentamos crises ambientais cada vez mais graves, exigindo uma compreensão mais profunda das relações entre os sistemas naturais e sociais.

Além disso, esses autores destacam a importância da política e da ética em nossas interações com o meio ambiente. Eles nos alertam sobre os perigos de uma abordagem exclusivamente técnica para os desafios ambientais, argumentando que as questões ambientais são também questões políticas que exigem uma resposta coletiva e democrática. Outro aspecto crucial das contribuições desses autores é sua ênfase na diversidade e na multiplicidade de perspectivas. Eles nos lembram que existem múltiplos modos de conhecer e habitar o mundo, e que devemos estar abertos a essas diferenças para construir soluções eficazes e sustentáveis para os problemas ambientais.

Como podemos pensar tudo isso em um contexto comunicacional? Ora, não poderia haver comunicação entre humanos e não humanos sem uma noção de que temos narrativas interconectadas. Donna Haraway, em seu livro de 2015, *Staying with the*



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

trouble, aborda a noção de fazer parentesco como uma prática de conexão e responsabilidade com outros seres, humanos e não humanos, em um mundo interconectado. Ela sugere que fazer parentesco envolve reconhecer e valorizar as relações de interdependência e coexistência que moldam nossas vidas e o mundo ao nosso redor. Essa abordagem desafia as concepções tradicionais de parentesco baseadas em laços biológicos ou sociais restritos, expandindo o entendimento para incluir uma gama mais ampla de relações e formas de cuidado mútuo (Haraway, 2015b). Nesse sentido, Haraway destaca a importância de adotar uma ética de cuidado e responsabilidade em relação aos outros seres com os quais compartilhamos o planeta, promovendo uma perspectiva mais inclusiva e holística das relações humanas e ambientais.

Eis que entra aí a necessidade da comunicação, não uma que apenas descreva técnicas e mídias específicas, mas uma que reconheça a partilha ontológica de ser nesse mundo que se abre em nossos horizontes. Partilhamos vidas interconectadas, e com isso podemos nos comunicar não em um sentido linguístico com os não humanos, mas de forma a expor uma mesma carência ontológica, isto é, de que ser é algo complexo, algo com múltiplas conexões com o ambiente, algo que, muitas vezes, nos confunde e angustia.

O presente trabalho, portanto, tem como objetivo abrir caminho para o questionamento sobre esse tipo de comunicação. Como podemos nomeá-la? Será que é realmente possível uma comunicação com atores não humanos? Será que realmente partilhamos uma mesma carência ontológica, ou seria isso outra presunção antropocêntrica? Este trabalho é uma forma preliminar de nos movimentarmos por essas arestas no modo da reflexão.

Vilém Flusser, em seu texto "O que é comunicação?", aborda o conceito como uma reação à morte no contexto ontológico. Ele argumenta que a comunicação é uma tentativa humana de superar a finitude da vida e a falta de significado inerente à existência (Flusser, 2007). Flusser propõe que os seres humanos criam sistemas



simbólicos e linguísticos para estabelecer conexões com outros e com o mundo ao seu redor, buscando assim uma forma de transcender sua própria mortalidade (Flusser, 2007). Nesse sentido, a comunicação é vista como uma tentativa de alcançar a imortalidade simbólica, ao permitir que ideias, histórias e experiências sejam transmitidas e compartilhadas além da vida individual de cada pessoa (Flusser, 2007). Essa perspectiva coloca a comunicação não apenas como uma troca de informações, mas como um ato fundamentalmente humano de busca por sentido e conexão em um universo que, de outra forma, seria indiferente e incompreensível.

Flusser, ao discorrer sobre a comunicação, enfatiza a perspectiva humana, destacando como os seres humanos criam sistemas simbólicos para se comunicar entre si e com o mundo. Ao refletirmos sobre a ontologia implicada diante da morte e sua relação com a comunicação, tal questão nos interpela: seria possível estender essa mesma ontologia para os animais em outros ecossistemas? A abordagem de Flusser enfoca a comunicação humana como uma reação à morte, sugerindo que a consciência da finitude da vida impulsiona os seres humanos a buscarem significado e conexão por meio da comunicação simbólica.

No entanto, ao aplicar essa perspectiva aos animais em outros ecossistemas, surgem desafios. Em muitas culturas indígenas e tradições animistas, os animais são vistos como agentes conscientes e dotados de sua própria forma de linguagem e comunicação. Nesses sistemas de crenças, a morte não é necessariamente um ponto final, mas sim uma transição para outro estado de ser, onde a comunicação pode continuar de diferentes maneiras.

Além disso, em ecossistemas complexos, a morte e a decomposição desempenham papéis essenciais na ciclagem de nutrientes e na manutenção da saúde do ambiente. Animais, como carniceiros e decompositores, desempenham funções vitais ao se alimentarem de restos mortais e ao promoverem a reciclagem de matéria orgânica. Nesse contexto, a morte não é apenas um evento individual, mas sim um processo integrado ao funcionamento dos ecossistemas.



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Portanto, pensar na ontologia da morte para animais em outros ecossistemas requer uma abordagem mais ampla e sensível às diferentes formas de vida e sistemas de significado. Enquanto para os seres humanos a comunicação pode surgir como uma resposta à consciência da morte, para os animais em outros ecossistemas, a morte pode ser parte de um ciclo contínuo de vida e renovação, permeado por formas de comunicação e interação próprias desses contextos naturais específicos. Outra questão nos interpela: será que há nesses outros seres uma busca por codificações? Eis um outro problema comunicacional a ser pesquisado. Com este trabalho damos um primeiro passo em direção à reflexão mais profunda e duradoura.

Referências

CRUTZEN, Paul; STOERMER, Eugene. The “Anthropocene”. In: EHLERS, Eckart; KRAFFT, Thomas (org.). **Earth System Science in the Anthropocene**. Berlim: Springer. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/3-540-26590-2_3. Acesso em: 14 mar. 2024.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HARAWAY, Donna. Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making Kin. **Environmental Humanities**, Durham, v. 40, n. 1, p. 159-165, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/304074136_Anthropocene_Capitalocene_Plantationocene_Chthulucene_Making_Kin. Acesso em: 14 mar. 2024.

HARAWAY, Donna. **Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Durham: Duke University Press, 2015.

LATOUR, Bruno. **Politics of nature: How to bring the sciences into democracy**. Massachusetts: Harvard University Press, 2004.

STENGERS, Isabelle. **Another science is possible: A manifesto for slow science**. Cambridge: Polity, 2018.



Anais de Resumos Expandidos
VI Seminário Internacional de Pesquisas
em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

TSING, Anna. **The mushroom at the end of the world: On the possibility of life in capitalist ruins**. New Jersey: Princeton University Press, 2015.